



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
GEOGRAFIA/BACHARELADO**

CAMILA ANDRADE DE FRANÇA

A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO GEÓGRAFO

**RECIFE
2023**

CAMILA ANDRADE DE FRANÇA

A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO GEÓGRAFO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de bacharel em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof^o M.e. Josias Ivanildo Flores de Carvalho.

**RECIFE
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

França, Camila Andrade de.

A experiência do trabalho de campo na formação do geógrafo / Camila
Andrade de França. - Recife, 2023.

49 : il.

Orientador(a): Josias Ivanildo Flores de Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia -
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Geografia. 2. Trabalho de Campo. 3. Pesquisa Participante. 4. Espaço
Geográfico. 5. Formação do Geógrafo. I. Carvalho, Josias Ivanildo Flores de.
(Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

CAMILA ANDRADE DE FRANÇA

A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO GEÓGRAFO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora para a obtenção do título de Bacharel em Geografia, do curso de Geografia Bacharelado da Universidade Federal de Pernambuco.

Recife, 20 de ABRIL de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



JOSIAS IVANILDO FLORES DE CARVALHO

Data: 12/05/2023 23:54:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador

Profº Me. Josias Ivanildo Flores de Carvalho
Universidade Federal de Pernambuco

Profº Drº Francisco Kennedy Silva dos Santos
Universidade Federal de Pernambuco

Profº Drª Talitha Lucena de Vasconcelos
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a Deus e à toda espiritualidade que me acompanha desde sempre. Por todas as vezes em que quis desistir. Meu muito obrigada. À minha mãe, que sonhou com esse momento e à minha avó Júlia, que me guarda dos céus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito a Deus, por ter me dado novas chances todos os dias e por ter me mostrado todos os caminhos pelos quais trilhei. Por todas as experiências que tive e por ter colocado no meu caminho pessoas que levarei para a vida toda.

À minha mãe Flávia, por ter lutado por nós. À minha *voinha*, Júlia, por ter sido minha melhor amiga em terra e por ter me guardado e guiado dos céus. Obrigada aos meus tios, Fernando e Ernandes por terem sido os pais que precisei.

Minha amiga Sabrina, que sempre me incentivou a ser a minha melhor versão. Minha amiga Elissandra, que me escutou e me apoiou em momentos únicos, *borahae*.

Obrigada ao meu amigo Paulo Cesar “PC”, por ter me incentivado a dar passos maiores. À minha amiga Maria Eduarda por ter passado junto comigo o assustador momento da conclusão do curso.

Obrigada à minha amiga Bia, meu *suquinho de maracujá*, por ter sido fundamental na construção desse trabalho e por todas as nossas pautas e discussões.

Meu muitíssimo obrigado ao meu amigo Rômulo, meu irmão, meu parceiro. Obrigada por ter sido por muitas vezes meu alicerce, por não ter insistido na nossa amizade. Obrigada por todos os puxões de orelha, por todos os abraços e por ter me levado ao restaurante universitário no primeiro dia de aula. Aos meus amigos também da graduação, Dafne, Luiz e Natasha pelos sorrisos e abraços compartilhados.

Obrigada a toda turma de 2016.1, fui muito feliz convivendo com vocês, fizeram dos anos de curso um dos momentos mais felizes da minha vida. Obrigada por todas as nossas histórias e nossas viagens. Todas as nossas reuniões no RU e sessões de conversa no NIATE.

Obrigada a Seu Zezinho por ter sido inesquecível. Suas histórias sempre serão lembradas, obrigada também por ter me inspirado a fazer este trabalho.

Obrigada aos meus professores da graduação, todos à sua própria maneira marcaram a minha caminhada e tem minha admiração. Prof^o Cacá, muito obrigada por ter nos apresentado a esse universo que é a Geografia.

Muito obrigada a todas as comunidades, assentamentos e povoados que tive a oportunidade de visitar enquanto estudante. Vocês foram essenciais e mudaram a minha vida para sempre. Em especial, a comunidade quilombola de Caititu, quando os visitei tive a certeza de que a Geografia é exatamente onde devo estar.

E por fim, obrigada ao professor Josias que aceitou esse desafio e me entendeu quando precisei.

“Ninguém pode abraçar esse mundo todo, porque quem abraça muito, aperta pouco”

Seu Zezinho

RESUMO

A geografia humana, centrada no ser humano e na sua relação com o espaço, reconhece no trabalho de campo a oportunidade de unir teoria e prática de maneira intimista. Das muitas técnicas utilizadas por geógrafos para analisar e estudar o espaço, o trabalho de campo permite ao geógrafo ter em mãos o mundo como seu escritório. Ao longo da história da Geografia, muitos se dispuseram a descrever a paisagem sob suas próprias perspectivas, aguçando no outro a vontade de também conhece-la. As representações cartográficas ao longo do tempo nos mostram quão rica pode ser a interpretação de um bom conhecedor. Ao optar pela pesquisa participante, o geógrafo enfatiza a importância da inclusão dos participantes em todas as etapas do processo. O trabalho de campo alinhado à pesquisa participante permite uma compreensão aprofundada das variadas perspectivas, representações e experiências contribuindo também com a construção de uma relação de confiança entre pesquisador e participante, o que pode ser crucial em contextos sensíveis ou marginalizados. A participação em trabalhos de campo durante a graduação permite que o estudante desenvolva habilidades importantes para a pesquisa geográfica como a observação, a coleta e análise de dados, sejam eles quantitativos ou qualitativos, vivenciando na prática os desafios e possibilidades do campo da investigação geográfica.

Palavras-chave: Geografia; Trabalho de Campo; Pesquisa Participante; Espaço Geográfico; Formação do Geógrafo.

ABSTRACT

Human geography, centered on the human being and its relationship with space, recognizes in field work the opportunity to unite theory and practice in an intimate way. Of the many techniques geographers use to analyze and study space, fieldwork allows the geographer to have the world in his hands as his office. Thro the history of Geography, many have been willing to describe the landscape from their own perspectives, sharpening in others the desire to know it too. Cartographic representations over time show us how rich the interpretation of a good acquaintance can be. When choosing the participant survey, the geographer emphasizes the importance of participant inclusion in all stages of the process. Field work aligned with participatory research enables an in-depth understanding of the diverse perspectives, representations and experiences also contributing to building a relationship of trust between researcher and participant, which can be crucial in sensitive or marginalized contexts. Participation in fieldwork during graduation enables the student to develop skills important for geographic research such as observation, collection and analysis of data, whether quantitative or qualitative, experiencing in practice the challenges and possibilities of the field of geographical research.

Key-words: Geography; Field work; Participating Research; Geographic Space; Geographer Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alunos da turma de Geografia da UFPE no Acampamento Urbano Carlos Leite, município de Crateús (CE) em 2016.....	24
Figura 2 - Alunos da turma de Geografia da UFPE em roda de diálogo com produtores acampados no Acampamento Urbano Carlos Leite, município de Crateús (CE) em 2016.....	25
Figura 3 – Comunidade de Fundo de Pasto Paranazinho em Mirangaba (BA).....	27
Figura 4 - Seu Zezinho, morador mais antigo da comunidade.....	28
Figura 5 – Croqui da organização da comunidade de Fundo de Pasto Povoadado do Paranazinho, elaborado pela autora em 2018.....	29
Figura 6 – Pátio onde se localiza a escola idealizada pelos próprios moradores da RESEX em conjunto com a Prefeitura.....	31
Figura 7 – Roda de apresentação e diálogo entre um representante da RESEX e a turma de Geografia Política da UFPE, em 2018.....	32
Figura 8 – Área de moradia dentro da RESEX.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Modalidade de curso dos estudantes que responderam ao formulário.....	38
Gráfico 2 - Número de respondentes que participaram de trabalhos de campo durante a graduação.....	38
Gráfico 3 - Motivo pelo qual não puderam participar de trabalhos de campo.....	39
Gráfico 4 - Porcentagem dos respondentes que consideram o trabalho de campo essencial para a formação (13 respostas).....	40

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Delimitação territorial de Crateús (CE).....	23
Mapa 2 – Delimitação territorial de Mirangaba (BA).....	26
Mapa 3 – Delimitação territorial da Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde (CE).....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA - Bahia

CE - Ceará

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

RESEX - Reserva Extrativista

Rede Tucum - Rede de Turismo Comunitário

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COMO PROCEDIMENTO	17
2.1	A observação participante como instrumento de prática na Geografia	18
3	O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA	20
3.1	A experiência do trabalho de campo na graduação.....	22
3.1.2	Acampamento Urbano Carlos Leite, município de Crateús (CE)	23
3.1.3	Comunidade de Fundo de Pasto Povoado do Paranazinho em Mirangaba (BA)	26
3.1.4	Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde em Beberibe (CE)	29
4	DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE GEOGRAFIA	35
4.1	Análise dos resultados obtidos através do questionário on-line com graduandos e formados do cursos de Geografia da UFPE	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	43
	APÊNDICES	45
	APÊNDICE A – RESULTADO DO QUESTIONÁRIO	45
	APÊNDICE B – RESPOSTAS DISSERTATIVAS DO QUESTIONÁRIO	47
	APÊNDICE C – MAPA TEMÁTICO DOS TRABALHOS DE CAMPO	49

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar a vasta diversidade abrangida pela ciência geográfica, muitas vezes é necessário examinar um fragmento do todo para compreender o significado de sua representação. A ânsia por explicar tudo pode nos limitar, impedindo-nos de enxergar o mundo ao nosso redor em sua mais pura simplicidade e em suas diversas configurações espaciais.

Na geografia, as técnicas de pesquisa podem incluir a observação direta, a entrevista, a análise de documentos e mapas, entre outras. Quando utilizamos a observação participante aplicada ao trabalho de campo, o objeto de estudo é o espaço e todas as relações que nele são produzidas e representadas. Para o geógrafo, esse procedimento abre caminho para identificar as particularidades do espaço estudado, tal como suas características naturais, culturais, socioeconômicas, e como tais aspectos interagem entre si.

Quando direcionamos nossa atenção para o espaço e as relações sociais, a pesquisa participante torna-se uma ferramenta valiosa para a compreensão da complexidade e da dinâmica do mundo ao seu redor. Por meio da imersão na realidade espacial, o geógrafo pode aprofundar seu conhecimento sobre as questões que afetam as comunidades locais, as transformações que ocorrem no espaço urbano ou rural, as relações de poder e a intensidade dos impactos socioambientais.

Sendo o espaço um conjunto de comportamentos, ações e valores atribuídos a um estado natural por um grupo de pessoas, cabe ao geógrafo transformá-lo também em seu objeto de estudo, não desconsiderando as relações sociais existentes. A observação participante é o ato de descrever detalhadamente ações, comportamentos e interpretá-los de uma forma consciente. Ainda que o processo de observação possa estar sujeito à própria subjetividade do pesquisador, é necessário pontuar que a observação participante baseia-se no seu ponto de partida: entender o espaço como um conjunto de ações e valores atribuídos pela sociedade e entender como ambos se relacionam e se comportam perante as constantes mudanças. (ANGROSINO, 2009).

Partindo do princípio de que o trabalho de campo deve ter um objetivo claro e bem definido, é importante que este objetivo leve em consideração as interações sociais presentes no meio estudado. A pesquisa de campo não é uma via única, mas sim um conjunto de interpretações baseado nas análises de um sistema completo. Nesse sistema, o pesquisador enquanto investigador deve estar atento para não se comportar como um mero explorador,

sem que haja a troca de saberes - que por muitas vezes norteiam e modificam o curso da pesquisa -, transformando-a em um estudo muito mais complexo e interdisciplinar (KAYSER, 2006).

O espaço, como aborda Milton Santos, não é um conceito linear. As modificações do espaço no tempo são resultado das construções das relações entre sociedade x natureza. O espaço consegue ser penetrável porque é constantemente alterado em função dos valores a ele atribuídos. Cabendo ao pesquisador, não os segregar como se pudessem ser explicados apenas por existir (SANTOS, 2006).

É fundamental que o pesquisador não se limite a uma abordagem simplista e fragmentada do espaço, mas que compreenda sua complexidade e dinamicidade. É preciso estar atento às diferentes formas de apropriação do espaço, às relações sociais que nele se estabelecem bem como aos conflitos e desigualdades que surgem a partir dessas relações.

Com base nessa perspectiva, o presente trabalho teve como premissa abordar a seguinte questão: qual é a relevância do trabalho de campo para a formação do geógrafo? Para isso, traçamos um caminho metodológico que consistiu em revisar pontos conceituais acerca da observação participante bem como a experiência do trabalho de campo na formação do geógrafo.

O trabalho teve como objetivo principal apresentar a experiência do trabalho de campo como técnica fundamental para a formação do geógrafo. E para alcançá-lo foram estipulados os seguintes objetivos específicos: I. Entender como a pesquisa participante pode atuar dentro da análise do campo da Geografia; II. Analisar a experiência do trabalho de campo na graduação através dos trabalhos realizados em um período de 2016 à 2018, com disciplinas da graduação em Geografia/UFPE; III. Pontuar os principais obstáculos para a formação do Geógrafo.

A fim de alcançar as metas propostas, escolhemos realizar uma pesquisa mais descritiva com uma abordagem qualitativa, que teve como ponto de partida uma revisão bibliográfica acerca do conceito da pesquisa participante, bem como algumas considerações sobre o trabalho de campo na Geografia.

A revisão bibliográfica iniciou-se a partir da consulta de materiais publicados em periódicos, sites, livros disponibilizados digitalmente, artigos, teses e dissertações, revisão essa que teve como objetivo construir um caminho a fim de obter uma compreensão mais ampla e precisa das possibilidades e limitações do trabalho de campo.

Em um segundo momento, buscou-se compreender como as experiências em campo, oferecidas ao longo do curso de graduação em Geografia pela UFPE, foram fundamentais

para a formação do profissional geógrafo. Para isso, foram selecionados três trabalhos de campo: o primeiro, realizado em 2016, oferecido pela disciplina de Formação Econômica e Territorial do Brasil, onde visitamos o Acampamento Urbano Carlos Leite, em Crateús (CE); o segundo, realizado em 2018, oferecido pela disciplina de Geografia Agrária, onde conhecemos a Comunidade de Fundo de Pasto Povoado do Paranazinho em Mirangaba (BA) e o último, também em 2018, ofertado pela disciplina de Geografia Política, na Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde, no município de Beberibe (CE).

Como ultima etapa e não menos importante, realizamos uma análise dos principais obstáculos relacionados à formação do Geógrafo enquanto pesquisador das ciências humanas. Também foi aplicado, de forma on-line, um questionário com perguntas objetivas e uma discursiva a partir do aplicativo web Google Forms, divulgado através de redes sociais onde obtivemos 13 respostas de estudantes de graduação em Geografia, bacharéis e professores de Geografia formados.

A elaboração desta trabalho, assim como seus resultados, traz à tona a relevância da discussão sobre como procedimentos metodológicos mais próximos e intimistas podem ser atuais e extremamente relevantes na formação de um profisisonal. Na Geografia, a pesquisa de caráter participante tem a capacidade de mostrar quão intrínsecas são as relações e suas formas socialmente representadas.

2 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COMO PROCEDIMENTO

"Ninguém pode abraçar esse mundo todo, porque quem abraça muito aperta pouco", esta frase foi dita pelo seu Zezinho, morador da comunidade de Fundo de Pasto, durante uma aula de campo para Mirangaba, na Bahia. Assim como disse o ancião da comunidade, o pesquisador enquanto observador de uma realidade que não é a sua, não deve querer abarcar todos os pontos de uma só vez. Na pesquisa participante, o pesquisador precisa imergir nas peculiaridades do meio social a ser estudado, muitas vezes se inserindo fortemente na cultura e aderindo aos hábitos que fazem parte do cotidiano.

O observador participante deve, então, fazer o esforço de ser aceitável como pessoa [...] assim, ela ou ele deve adotar um estilo que agrade à maioria das pessoas entre as quais se propõe viver. Como tal, o observador participante não pode esperar ter controle de todos os elementos da pesquisa; ela ou ele depende da boa vontade da comunidade (às vezes em um sentido bem literal, se é uma comunidade onde os recursos básicos de sobrevivência são escassos) e deve fazer um acordo tácito de "ir com a maré", mesmo que isso não funcione dentro de um roteiro de pesquisa cuidadosamente preparado. (ANGROSINO, 2009, p. 33).

Para estudos que integram o social e o ambiental, como na Geografia, a pesquisa participante proporciona interação não somente com o sujeito a ser observado, mas também com o meio no qual ele está inserido, participando de momentos que façam parte da cultura local (seja em momentos de colheita, danças, ritos, assembleias) ou em outras atividades desenvolvidas em comunidade. Estar envolvido é essencial para não se visto como figura estranha, a não ser que não participar seja de fato um dos pré-requisitos da pesquisa.

Vivenciar a pesquisa não significa que o pesquisador deva se preocupar em trabalhar apenas seus resultados, como também o problema na sua totalidade, elaborar bem o caminho a ser seguido para responder ao seu problema inicial, não desconsiderando que no momento em que é inserido em uma nova realidade, os caminhos de pesquisa podem se alterar conforme a necessidade. Para o pesquisador que opta pela pesquisa participante, é interessante delinear uma série de questionamentos a fim de ao menos direcionar a observação, mas não havendo interesse em limitá-la.

Para Monico et. al. (2017), a observação participante é uma das técnicas que o pesquisador pode aplicar para obter resultados satisfatórios, mas não a única técnica. Esse procedimento busca viabilizar uma maior interação entre o pesquisador e os participantes.

O investigador procura descobrir e tornar acessíveis (no sentido de revelar) realidades e significados, que as pessoas utilizam para nortear ou atribuir sentido às suas vidas. [...] a Observação Participante é uma metodologia muito adequada para o investigador apreender, compreender e intervir nos diversos contextos em que se move. A observação toma parte no meio aonde as pessoas se envolvem. Por um lado, esta metodologia proporciona uma aproximação ao quotidiano dos indivíduos e das suas representações sociais, da sua dimensão histórica, sócio-cultural, dos seus processos. (MONICO et. al. 2017, p. 727).

Procedimentos descritivos ou experimentais buscam trabalhar com objetos de estudos sem muita ou nenhuma interferência, a fim de promover resultados que comprovam ou refutam problemas existentes, sejam em questões ambientais, socioeconômicas ou de características laboratoriais, em estudos de saúde. Na pesquisa participante, toda e qualquer especificidade de um ou mais atores são consideradas, pois por mais individualista que seja a ação, o efeito na comunidade é inerente.

2.1 A observação participante como instrumento de prática na Geografia

O trabalho de campo descritivo focado nos aspectos físicos do meio natural continua sendo pertinente ao estudo da Geografia, porém há caminhos onde somente analisar e observar o espaço natural não abrange a sua totalidade ao desconsiderar sua interação com os atores que dão movimento a esse espaço.

Como afirma Azambuja (2002),

O espaço geográfico contém a paisagem, ou poderíamos dizer as formas espaciais que compõem o sistema de objetos naturais e sociais. Mas o olhar geográfico é mais abrangente, identifica também o processo ou a formação, a dimensão histórica, o passado e o presente das formas espaciais. O presente inclui as relações socioespaciais, à forma se agrega o estudo da função. As ações ou o sistema de ações atualizam e dão movimento aos objetos espaciais, significando a unidade ou o conjunto indissociável de objetos e ações. O espaço geográfico é então um espaço em movimento. (AZAMBUJA, 2002, p. 184).

Sendo o espaço um conjunto de interações entre formas e ações, Santos (2006) pontua que

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes. Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos. Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2006, p. 39).

Ao adotar a pesquisa participante na Geografia, é interessante e importante avaliar todos os aspectos daqueles que compõem o espaço estudado, suas relações e representações sociais. O geógrafo que escolhe participar da pesquisa tende a observar a menor das interações antes de introduzi-la em um contexto, pois é a partir da microanálise que se constrói o contexto de um processo de maior escala. A aplicação desse procedimento na área da geografia humana possibilita ao pesquisador compreender pequenos processos e atribuir significados às práticas, sejam elas individuais ou coletivas.

Nos padrões do trabalho de campo, é possível observar como a integração em grupos proporciona ao pesquisador uma verdadeira imersão aos costumes e dinâmicas sociais de uma parcela, exercendo papel fundamental nos resultados das análises e validando a discussão em sala de aula.

Enquanto observador participante, o geógrafo pode escolher meios de captar a realidade na qual está inserido: seja por meio das cadernetas de campo, fotografias, gravações, entre outros meios para documentar a pesquisa. Dentro dessa perspectiva, materializar o espaço estudado torna a investigação relativamente mais próxima, desabilitando a distância, seja ela cultural ou social, que muitas vezes existe entre o pesquisador e o objeto a ser estudado.

Para Magnani (2002),

[..] a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido”. (MAGNANI, 2002, p. 17).

Logo, cabe ao geógrafo interpretar não somente os objetos e formas como também incorporar à sua análise todas as interações que são com o espaço, considerando seus atores como sujeitos onde a sua individualidade se manifesta dentro de um coletivo, gerando diversas representações sociais.

3 O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA

A construção de um geógrafo baseia-se, primeiramente, na sua carga histórico-social. O seu olhar é moldado de acordo com as suas primeiras impressões sobre o mundo: as primeiras informações, as demasiadas representações sociais e cartográficas; afirmativas de senso comum, entre outras.

E o que é a Geografia? Segundo Moreira (2010),

[...] a geografia é um discurso teórico universal que combina a escala mais simples das coisas singulares da percepção à mais abstrata e complexa da totalidade do conceito, embutindo em sua estrutura desde as práticas espaciais e seus saberes até o pensamento abstrato que é o domínio da ciência. Eis a origem de sua popularidade: é uma forma de conhecimento que do tudo chega ao todo. (MOREIRA, 2010, P. 49).

Ao chegar na universidade e se deparar com o universo de teorias e práticas relacionados à Geografia, o então sujeito de senso comum (pressupondo que tal sujeito não tenha tido contato com outras vivências), se vê frente a um mundo de possibilidades e novos caminhos, permitindo-lhe escolher entre as mais diversas áreas.

Para um geógrafo, o estudo descritivo por vezes não é suficiente, é preciso vivenciar espaço e entender suas dinâmicas; espaço esse que Santos (2006), define como um conjunto de mercadorias, que por sua vez possuem valores que não podem ser desvinculados do valor que a sociedade os atribui. Portanto, para um investigador que trabalha sob perspectivas socioeconômicas ligadas também ao espaço natural, descrever apenas a paisagem não basta, é necessário envolver também aqueles que pertencem ao espaço.

Quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, formas- conteúdo. isto é, objetos sociais já valorizados aos quais ela (a sociedade) busca oferecer ou impor um novo valor. A ação se dá sobre objetos já agidos, isto é, portadores de ações concluídas, mas ainda presentes. Esses objetos da ação são, desse modo, dotados de uma presença humana e por ela qualificados. (SANTOS, 2006, p. 71).

A observação para a prática da Geografia implica na responsabilidade do comprometimento com a comunidade científica. O trabalho de campo, assim como qualquer outro trabalho experimental, está atrelado ao desenvolvimento do geógrafo enquanto produtor de ciência e investigador social. Um trabalho de campo não é realizado sem antes serem feitos estudos, debates teóricos e elaborados planos de partida, com o propósito de nortear e conduzir a pesquisa. Segundo Coltrinari (1998),

[...] Sem teorias ou hipóteses na cabeça, o trabalho de campo seja excursão de reconhecimento, campanha periódica para entrevistas ou monitoramento de processos, corre o risco de ser enfadonho e cansativo e, com toda razão, criticado ou rejeitado. (COLTRINARI, 1998, p. 104).

Enquanto observadores, o geógrafo tem um papel fundamental no processo de compreensão do mundo: interpretar os sinais de mudanças no espaço social. Para Santos (2004), o espaço exerce domínio sobre o homem, suas ações e relações são baseadas na forma pela qual o espaço se apresenta, sendo um condicionante para o seu comportamento.

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tanto domínio sobre o homem, nem está presente de tal forma no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem entre si estes pontos são elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam sua prática social. A práxis, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado sócio-econômico mas é também tributária das imposições espaciais. (SANTOS, 2004, p. 172).

A realidade dentro da ciência geográfica não parte de somente um objeto de estudo, mas sim de uma infinidade de representações, interações e metamorfoses constantes. Praticar o trabalho de campo é, antes de qualquer coisa, desmistificar teorias, posicionamentos e convicções pré-estabelecidas; constituídos de atores externos que influenciaram diretamente na construção do imaginário fora da sala de aula.

A transformação das perspectivas permite ao geógrafo/a uma profunda análise sobre o seu campo de estudo. É na pesquisa, cuidadosamente feita, onde o geógrafo/a encontra suas respostas e por vezes auto identificação e pertencimento. Para Claval (2013), o trabalho de campo oferece ao geógrafo/a garantia da veracidade da sua fundamentação teórica, também permitindo-lhe identificar novas dinâmicas dentre o meio estudado.

3.1 A experiência do trabalho de campo na graduação

No início da graduação, o estudante é apresentado à base teórica. Este então, sem uma base para poder refletir acerca do que está sendo discutido se torna um grande curioso. São inúmeras horas-aula de textos densos, repletos de informações e sem nenhuma experiência prática. Ao longo do curso, as perspectivas vão entrando em confronto e causando muitas vezes um desconforto por se tratar de uma desconstrução do senso comum ao qual são constantemente inseridos.

Existem atividades pré-campo. Ao longo das disciplinas ministradas, os professores se encarregam de estimular debates teóricos, aplicabilidade de procedimentos e reconhecimento da área a ser visitada

Para muitos, confrontar suas visões preestabelecidas resultou em um rompimento de antigos comportamentos e falas, antes então reproduzidas sem nenhum fundamento. Estudantes futuros geógrafos, vindos de realidades diferentes, cheios de convicções e pré-conceitos, agora se veem diante de uma imensidão de conceitos e realidades alternativas.

Em 2016, no início da graduação, tivemos a oportunidade de conhecer muitas histórias. Histórias de luta, representações sociais nas suas mais variadas formas e conceitos e histórias de liberdade, de poder exercer seu direito de existir e ser reconhecido enquanto protagonista da sua própria realidade.

É válido pontuar que fora da sala de aula, o mundo não é utópico. Ele existe e às vezes da forma mais cruel possível. A realidade quando é revelada, nos mostra quão complexa e dialética é a sociedade. As relações sociais, novamente, não podem ser desassociadas do espaço em que acontecem e é nesse espaço, intencionalmente concebido e racionalizado (Santos, 2006) que as histórias são escritas.

3.1.2 Acampamento Urbano Carlos Leite, município de Crateús (CE)

O primeiro trabalho de campo da graduação, ofertado pela disciplina de Formação Econômica e Territorial do Brasil, nos levou a Crateús/CE.

Mapa 1 – Delimitação territorial de Crateús (CE)



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Ao longo da re-construção da história de formação econômica, social e cultural, o latifúndio e os latifundiários foram mais do que protagonistas dos conflitos agrários, escreveram com suas próprias palavras a história da luta pela terra no Brasil. Entre as muitas resistências e re-existências durante cinco séculos, o homem e a mulher da terra se viram diante de conflitos ameaçadores que colocavam à prova sua força e coragem para enfrentar os grandes proprietários de terra e as ações contrárias do Estado; à frente disso, tornou-se fundamental organizar-se enquanto indivíduo e coletivo

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra nasceu de uma necessidade de reorganizar o espaço agrário, estabelecendo formas de reproduzir os processos de espacialização e re-territorialização, estruturando os trabalhadores a fim de desenvolver uma consciência coletiva que ao mesmo tempo evidencia a sua força individual, transformando essa articulação em políticas que protestam pela reorganização do espaço e atribuindo à terra a sua função social.

Figura 1 - Alunos da turma de Geografia da UFPE no Acampamento Urbano Carlos Leite, município de Crateús (CE) em 2016.



Fonte: acervo coletivo da turma, 2016.

No acampamento do MST, encontramos histórias inspiradoras de luta e perseverança. Mesmo diante de um ambiente desafiador, é notável a força interior de cada indivíduo e sua determinação em alcançar o reconhecimento enquanto cidadão e produtor. Para aqueles que

não estão familiarizados com tal realidade, é comum ficar fascinado com a experiência. Surgem inúmeras perguntas e a curiosidade é aguçada, dando lugar a conversas esclarecedoras, debates e a formação de laços estreitos de convicência. O primeiro contato com comunidades e povos marginalizados pela sociedade foi essencial para desmistificar a imagem criada a partir de esteriótipos difundidos ao longo da história. Os meios de comunicação em massa frequentemente apelam de maneira indecente, promovendo discursos baseados na ignorância. Essa narrativa prejudica diretamente acampados e assentados do MST, tornando suas lutas invalidadas e suas conquistas inviabilizadas.

O discernimento é fruto do diálogo. A conversa e a escuta, principalmente a escuta, possibilitam que tal sujeito torne-se protagonista e não somente um objeto estudado. É através da escuta que é possível conhecer histórias e significados, contabilizando experiências e não somente quantidade em material coletado. É durante as rodas de conversa que se torna possível identificar até mesmo os menores detalhes. Pessoas carregam histórias e são essas mesmas histórias que as fortalecem dia após dia.

Figura 2 - Alunos da turma de Geografia da UFPE em roda de diálogo com produtores acampados no Acampamento Urbano Carlos Leite, município de Crateús (CE) em 2016.



Fonte: acervo coletivo da turma, 2016.

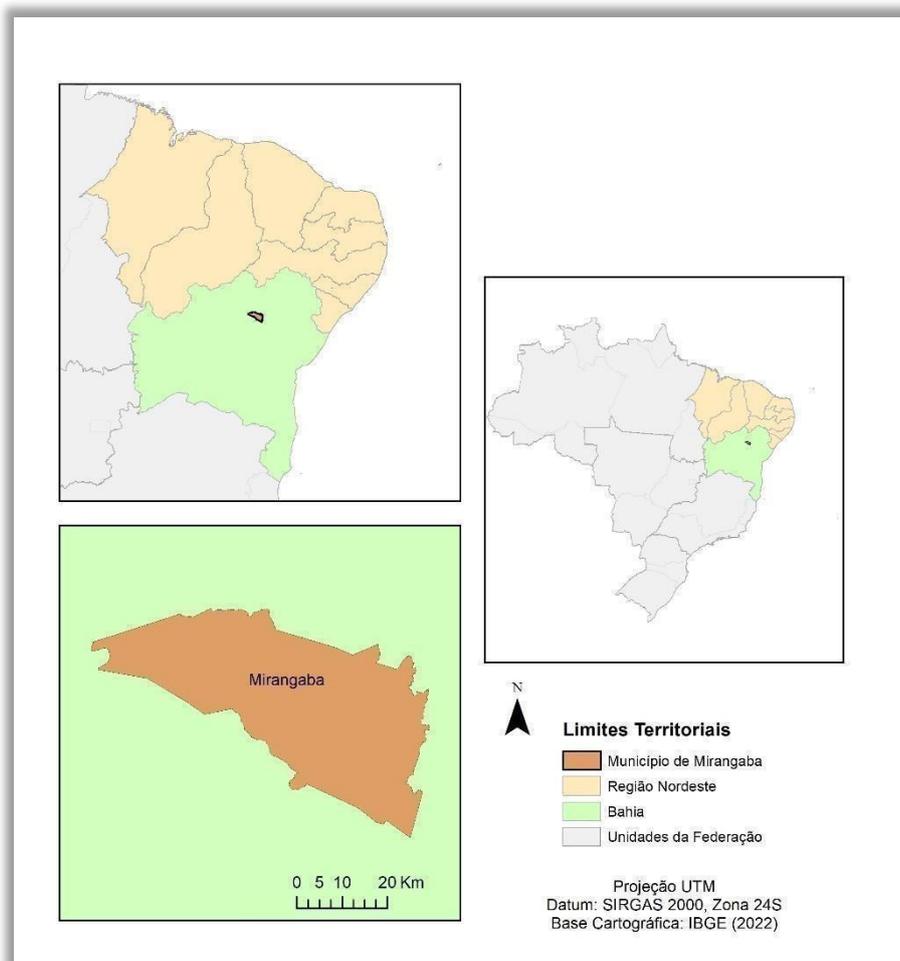
Para Chiapetti (2011), as estratégias dentro da pesquisa de campo qualitativa abrem espaço para as oralidades e a partir de uma abordagem participante, os sujeitos tomam como posse o lugar de destaque.

A importância da história oral está na subjetividade do sujeito, que fornece às fontes orais elementos que nenhuma outra fonte seria capaz de dar, pode revelar sentimentos, significados, simbolismos e, até, a imaginação das pessoas. A riqueza de uma pesquisa com esta metodologia está na ênfase e na importância atribuídas aos sujeitos da pesquisa, construtores de seu destino, entre possibilidades e limites. (CHIAPETTI, 2011, p. 145).

3.1.3 Comunidade de Fundo de Pasto Povoadado do Paranazinho em Mirangaba (BA)

O segundo trabalho, ofertado pela disciplina de Geografia Agrária, nos levou a Mirangaba (BA).

Mapa 2 – Delimitação territorial de Mirangaba (BA)



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

O Fundo de Pasto caracteriza-se pela criação solta e compartilhamento dos frutos do plantio. A comunidade sofreu com o interesse de mineradoras que sondavam o terreno a fim de apropriar-se do território e sofreram também com ameaças de grileiros. A comunidade, à época da visita, estava sendo cada vez mais cercada por empresas de energia eólica que se instalavam próximo às terras.

Sendo a comunidade de Fundo de Pasto uma comunidade tradicional, a ação de empresas de energia eólica se torna inteiramente destrutiva, desmatando a vegetação nativa e alterando as condições do ar; interferindo diretamente na qualidade de vida dos moradores. Os agricultores, em busca pela regulamentação das terras, articularam-se e foi criada a Associação do Desenvolvimento Comuni-Agrícola Povoado do Paranazinho, sendo uma das táticas para impedir o avanço das empresas de energia eólica sob as terras da comunidade.

Assim como nos espaços de diálogo e vivência com os produtores do MST, na comunidade de Fundo de Pasto também tivemos contato direto com moradores e representantes.

Figura 3 – Comunidade de Fundo de Pasto Paranazinho em Mirangaba (BA)



Fonte: acervo coletivo da turma, 2018.

No Povoado do Paranazinho, local onde se encontra a comunidade de Fundo de Pasto,

encontramos uma comuna. Pessoas que compartilhavam entre si, histórias em comum, lutas individuais e coletivas, resultado de uma organização que parte de um movimento palpável: uso e apropriação do espaço.

Pudemos conhecer Seu Zezinho, morador mais antigo da comunidade. Dele escutamos histórias e o quanto já estava calejado de enfrentar as empreitadas organizadas por quem tem interesse nas terras, mas que mesmo assim continuaria lutando até o fim.

Figura 4 - Seu Zezinho, morador mais antigo da comunidade.



Fonte: autora, 2018.

No contato com a comunidade pudemos observar as mais diversas dinâmicas, dentre elas o compartilhamento entre as famílias. Existe uma reciprocidade entre os atos, desde o que produz uva ao no que produz leite. As famílias compartilham não somente alimentos, como também espaços e ações: as escolas, as áreas de recreação, espaços de saúde e bem-estar organizados pela própria comunidade. A produção é totalmente orgânica e o excedente transformado em alimentação para os animais, além de trocarem entre si, consomem e também doam.

Figura 5 – Croqui da organização da comunidade de Fundo de Pasto Povoado do Paranazinho, elaborado pela autora em 2018.



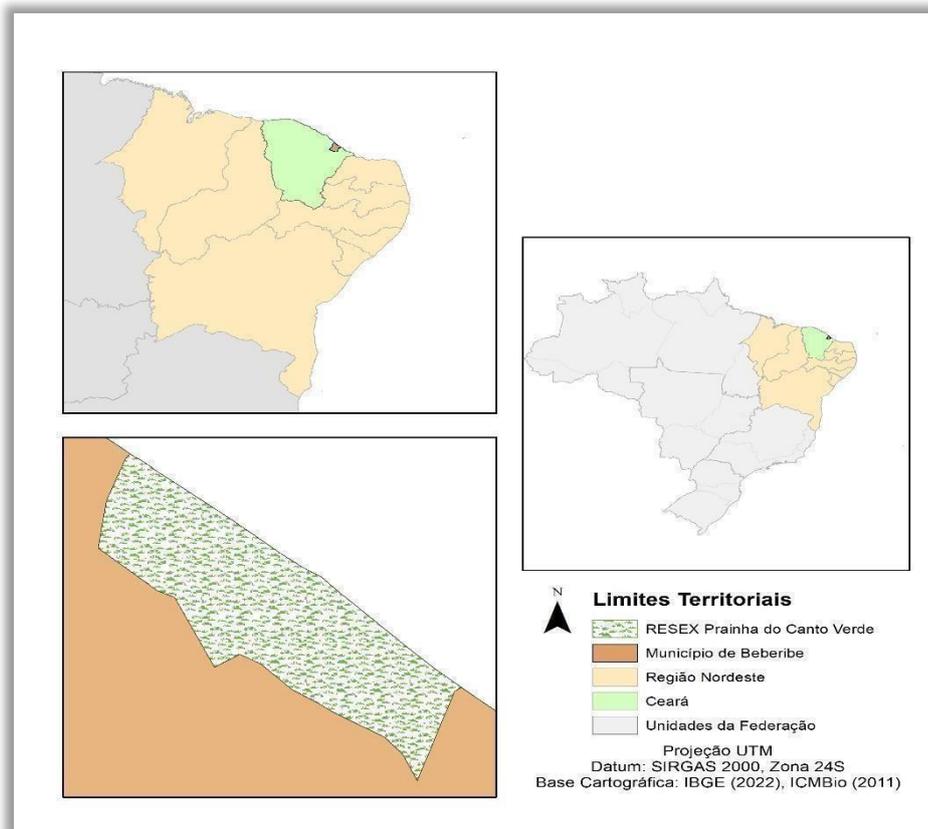
Fonte: autora, 2018.

Nota-se que a organização é feita de forma circular como uma forma de centralizar espaços de convivência essenciais para o fortalecimento da Comunidade. Comunidades tradicionais e povos originários enfrentam uma constante luta pela reafirmação dos seus territórios, tendo em vista séculos de desapropriação e violência sofridos por esses grupos. É fundamental estar presente em espaços de diálogo, ouvindo atentamente e dialogando a fim de buscar soluções para as questões que os cercam e que ainda precisam ser resolvidas.

3.1.4 Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde em Beberibe (CE)

Em 2018, passamos cinco dias imersos na RESEX Prainha do Canto Verde, localizada no litoral de Beberibe, no Ceará.

Mapa 3 – Delimitação territorial da Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde (CE)



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

A partir do convívio, pudemos conhecer de perto do turismo de base comunitária, principal diretriz da RESEX. As regras da RESEX são estabelecidas para coexistir com a natureza. A pesca não é predatória, os pescadores respeitam o ciclo de reprodução das espécies, tanto os que fazem parte da RESEX quanto os que não fazem. A intenção não é degradar, existe uma relação de contribuição mútua onde o morador só extrai o necessário para sua sobrevivência, mantendo assim uma relação harmoniosa para com o meio ambiente, ainda que esse mesmo ambiente sofra por questões externas como poluição dos mares, caça ilegal, entre outras.

A identificação com o território é um passo importante para a consolidação das diretrizes que servem de base para a continuidade de uma tradição. Para além da geração de renda, o turismo de base comunitária intensifica a relação homem-natureza e o faz perceber que seus atos em prol ou contra o meio ambiente, irão refletir nas suas condições de vida em um futuro próximo.

Figura 6 – Pátio onde se localiza a escola idealizada pelos próprios moradores da RESEX em conjunto com a Prefeitura.



Fonte: autora, 2018.

Dentro da RESEX, passamos os dias conhecendo seus espaços, conversando e observando suas próprias dinâmicas regidas por um princípio básico de cooperação entre o meio natural e o homem. Entre rodas de apresentação e debates, foi possível observar quão necessária é uma rede de resistência, mesmo que todos os caminhos estejam indo pelo lado contrário.

Fazer a Geografia, como descreveu um colega de curso, só é possível se tivermos a prática. O pensamento geográfico que não exerce o olhar geográfico nada mais é do que repensamentos; e enquanto geógrafos, precisamos refletir a partir das nossas próprias concepções acerca do mundo que está sob nossos olhos.

Como aponta Kayser (2006), para aqueles que só entendem a teoria e nada sabem da realidade, realizar pesquisas de campo faz-se ainda mais pertinente, caso contrário, associar teoria à veracidade dos fatos será ainda mais difícil. Dentro do cenário da Geografia mais humana, debater sobre situações sem que nunca as tenha presenciado ou experimentado, torna a discussão ainda mais distante.

Figura 7 – Roda de apresentação e diálogo entre um representante da RESEX e a turma de Geografia Política da UFPE, em 2018.



Fonte: autora, 2018.

Figura 8 – Área de moradia dentro da RESEX



Fonte: autora, 2018.

A Resex de Prainha do Canto Verde parte da criação de uma identidade enquanto pescadores artesanais que se viram frente a frente com o desmantelamento de suas tradições. Articulados em prol da reafirmação na terra, enfrentaram a força motriz de um sistema que estava obstinado a exterminar seus costumes e suas atividades de subsistência.

Em todas as comunidades, acampamentos, assentamentos e povoados visitados ao longo da minha jornada na graduação, pude perceber que dialogar é a chave para compreender problemas sociais e construir soluções efetivas. Nos assentamentos e acampamentos, a luta por acesso à terra e à dignidade dos trabalhadores rurais é constante. Nesses espaços, os debates são fundamentais para organizar e estabelecer soluções coletivas.

Em outras comunidades, como as de Fundo de Pasto, a luta pela preservação e proteção do território também é contínua e se intensifica diante do interesse de terceiros. Da mesma forma, na RESEX compreende-se que o diálogo é fundamental para encontrar soluções que levem em consideração tanto os anseios individuais quanto coletivos, tornando-se uma

poderosa chave para fortalecer a preservação do território.

Os discursos podem parecer repetitivos e cansativos, mas as resistências em meio ao desenvolvimentismo confirmam a persistência daqueles que lutam para que recursos sociais e naturais prosperem acima de uma lógica capitalista predatória.

4 DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE GEOGRAFIA

Mesmo não sendo propriedade exclusiva do geógrafo, o trabalho de campo exerce grande influência na formação do estudante de Geografia. Durante a escrita deste trabalho, foi possível refletir sobre como a aplicação da prática em campo torna a caminhada ainda mais afirmativa, possibilitando a construção das suas próprias convicções.

Como pontua Suertegaray (2009),

A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as contradições, na medida em que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo. (SUERTEGARAY, 2009, p. 3).

Na ciência geográfica, existem várias vertentes e caminhos teóricos que permitem uma abordagem mais ampla e complexa da realidade. É por meio da análise de diferentes espaços e contextos que o geógrafo pode identificar e discutir novas problemáticas, sem se limitar a uma dicotomia.

Essa abordagem integrada é fundamental para que os geógrafos possam compreender de forma mais ampla e profunda os desafios e as complexidades dos espaços que atuam, considerando tanto as dimensões físicas quanto as sociais, culturais, políticas e econômicas. Além disso, essa perspectiva possibilita a busca por soluções mais efetivas para as problemáticas identificadas, uma vez que se baseiam em análises mais abrangentes e holísticas.

Suertegaray (2018), aponta que existe uma troca entre pesquisador e objeto estudado, ambas as partes possuem contribuições a fazer, seja do ponto de vista metodológico, seja na forma de atribuir significado à uma ação. Para a autora, o progresso da interação entre as partes

resulta na reformulação das preposições e acaba reposicionando as estratégias para as tomadas de decisão.

Mas, ao levar em consideração os desafios à essa formação, existe um longo caminho a ser percorrido. É preciso estar atento à desvalorização da produção científica, que implica diretamente na precarização de cursos pouco popularizados como a Geografia. É necessário que estudantes, pesquisadores e professores possam exercer suas individualidades na ciência sem precisar ceder às pressões ditadas por um mercado que prioriza a produção quantitativa-numérica.

E é dentro de um cenário de desvalorização científica no qual o estudante de Geografia está inserido. Para além da universidade, é essencial fomentar a discussão sobre a importância das pesquisas na área de Geografia, seja ela física ou humana ou ainda no campo do ensino; como também a manutenção do pesquisador dentro das instituições, fortalecendo programas de assistência, proporcionando boa infraestrutura e apoio técnico-operacional.

Ao passar por um período de desmonte da educação, que refletiu de forma significativa no ensino superior, os estudantes, principalmente bolsistas vinculados às entidades de capacitação profissional, se viram diante de cortes que afetaram diretamente os programas de permanência como auxílio-moradia, altamente requisitado pelos estudantes que saem da sua cidade natal para estudar em grandes universidades. Para um curso com pouco prestígio pela sociedade como Geografia, não ter garantia de permanência na universidade é o primeiro passo para desistir da graduação.

Os cortes e congelamentos de investimentos afetam não somente o campo financeiro dos estudantes, mas também o psicológico. A permanência dentro da universidade começa a ser questionada a partir do momento em que estes precisam, antes de tudo, de motivação para continuar a produzir suas pesquisas e é nesse momento que alguns optam por desistir para trabalhar ou procuram por programas em instituições de ensino no exterior.

No curso de Geografia, os cortes influenciam na permanência dos pesquisadores e também na falta de recursos para a realização de atividades fora da sala de aula. A limitação desses recursos afeta diretamente a disponibilidade de auxílio para os estudantes acompanharem os trabalhos de campo, reduzindo o aproveitamento acadêmico.

Essa situação desfavorece a produção de conhecimento e compromete o desenvolvimento da Geografia enquanto ciência. As atividades práticas de ensino são tão fundamentais quanto a abordagem teórica do curso; é na prática que desenvolvemos

habilidades técnicas e desenvoltura para analisar de forma crítica problemáticas recorrentes.

Fazer com que a sociedade compreenda a importância da Geografia como uma área do conhecimento que busca entender as relações entre o meio social e o ambiental é uma das tarefas da comunidade acadêmica. Tratá-la como uma ciência muito maior e que precisa ser valorizada, pois é muito mais ampla do que a mera descrição.

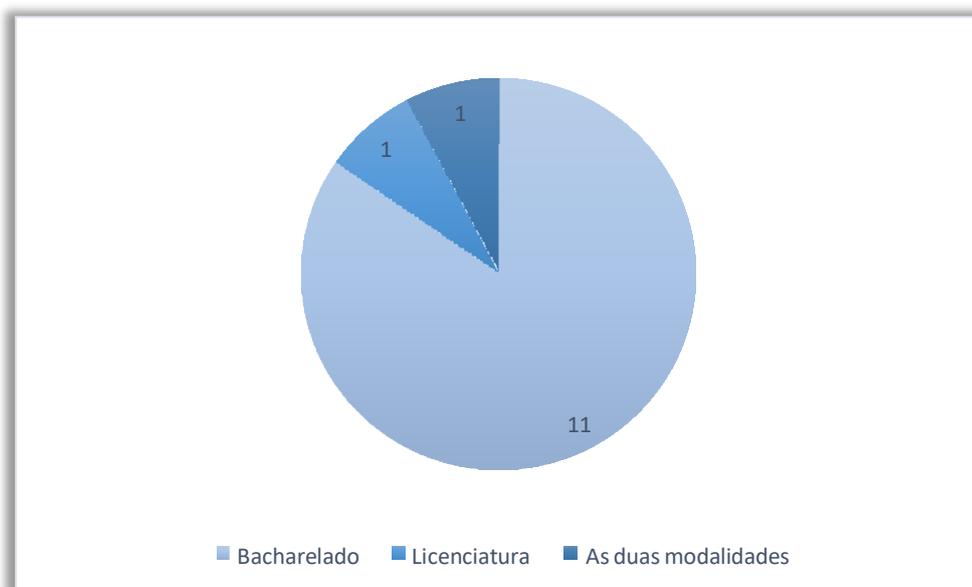
No panorama atual, de retomada, espera-se que os investimentos ocorram não somente na manutenção da qualidade do ensino superior como também na permissão de novos ingressos, principalmente na área das ciências humanas. No aumento de bolsas de estudo e permanência, investimentos para a manutenção e ampliação de infraestrutura das instituições de ensino e pesquisa, promovendo e garantindo o acesso de estudantes e pesquisadores aos espaços seguros de produção científica.

Além disso, continuar a debater e fortalecer os espaços de permanência da Geografia enquanto ciência fundamental para a contribuição da construção de uma sociedade mais consciente e crítica.

4.1 Análise dos resultados obtidos através do questionário on-line com graduandos e formados do cursos de Geografia da UFPE.

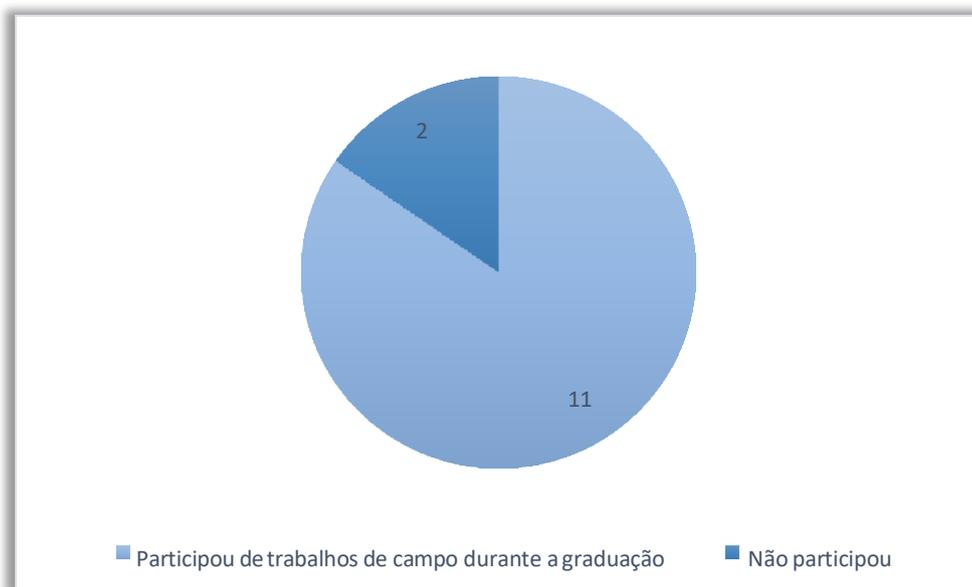
Ao elaborar um formulário para obter respostas acerca da problemática deste trabalho, foi possível observar que dentre os estudantes, com formação concluída ou ainda na graduação é unânime que o trabalho de campo influencia diretamente nas suas concepções. Obtivemos 13 respostas que nos deu um pequeno panorama do perfil dos estudantes de Geografia da UFPE.

O questionário, aplicado de forma on-line teve como objetivo identificar se os alunos de Geografia consideram o trabalho de campo como metodologia essencial para sua formação.

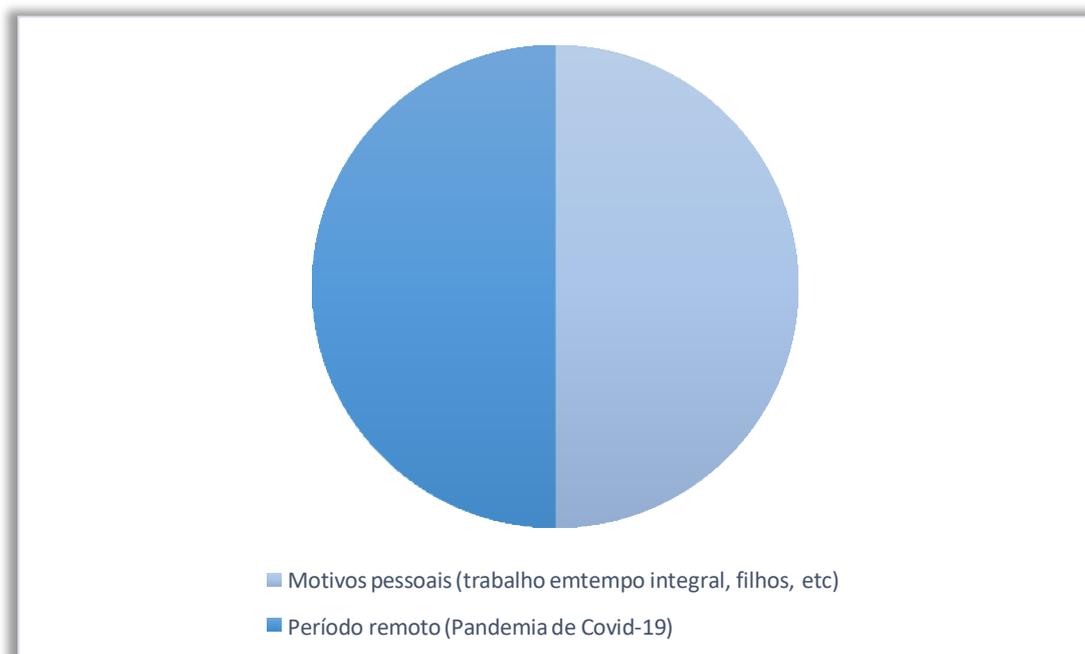
Gráfico 1 – Modalidade de curso dos estudantes que responderam ao formulário

Elaboração: autora, 2023.

Dos 13 estudantes que responderam ao questionário, 11 cursaram apenas bacharelado, 1 cursou apenas licenciatura e 1 cursou as duas modalidades de curso. Todos os respondentes são ou foram alunos de graduação do curso de Geografia da UFPE.

Gráfico 2 – Número de respondentes que participaram de trabalhos de campo durante a graduação

Elaboração: autora, 2023.

Gráfico 3 – Motivo pelo qual não puderam participar de trabalhos de campo

Elaboração: autora, 2023.

O questionário foi aplicado no ano de 2023, três anos depois de um período de pandemia enfrentado pelo mundo todo. Para alguns estudantes, o período remoto implicou na falta de atividades fora da sala de aula, visto que as aulas foram realizadas de forma on-line. Além disso, o trabalho em tempo integral, realidade de muitos estudantes, também os impediram de participar de trabalhos de campo durante a sua formação. Esses fatores contribuem para um déficit relativamente considerável, pois experimentar a aplicação de teorias à prática dificulta a assimilação do conteúdo por parte dos estudantes.

Gráfico 4 – Porcentagem dos respondentes que consideram o trabalho de campo essencial para a formação (13 respostas)



Elaboração: autora, 2023.

Todos os respondentes do questionário trataram o trabalho de campo como metodologia essencial para a sua formação. A unanimidade na resposta destaca a aplicabilidade do trabalho de campo na compreensão mais aprofundada dos fenômenos estudados na Geografia, pois nos permite a observar diretamente elementos da paisagem bem como a interação desses elementos com a sociedade.

Como aponta Claval (2013), o estudo do pensamento geográfico precisa estar alinhado ao hábito de observar e se inserir no espaço.

A realidade geográfica não é igual à soma do que pode ser observado em um ponto ou uma região; ela revela, através da paisagem, uma ordem que é importante evidenciar. Sem a experiência prática, o geógrafo deixa escapar uma parte essencial das realidades que ele tem a intenção de dar conta: aquelas que não são fruto da inteligência, mas da intuição, da sensibilidade, do gosto, da estética: aquelas que revelam a diferenciação qualitativa do mundo. (CLAVAL, 2013, § 19).

Na aplicação do questionário, os estudantes se dispuseram a descrever suas opiniões pessoais sobre a importância da experiência do trabalho de campo na sua formação. Entre algumas das respostas estão:

A pesquisa de campo é o "laboratório", o verdadeiro "escritório geógrafo/a". conhecimento e resolução de problemas do espaço geográfico, fazer pesquisa de campo é, acima de tudo, aprofundar o conhecimento teórico de gabinete e sala de aula diante dos fenômenos e da materialidade existente no espaço somado ao poder do ganho de conhecimento prático que acontece ao se fazer pesquisa de campo. Para teoria e para a prática o campo se faz fundamental à formação dessa profissão. (L.A., Geógrafo).

Como também:

O trabalho de campo como método da pesquisa e ensino da geografia é fundamental para a práxis do geógrafo. É no trabalho de campo onde empiricamente, confrontamos nossas teorias geográficas com os fatos e fenômenos geográficos encontrados no locus de nossas pesquisas. (B.B., mestranda em Geografia).

Para todos, o trabalho de campo na Geografia mostra-se como uma poderosa ferramenta para uma formação mais ampla. Poder vivenciar experiências ainda enquanto estudantes é fundamental para podermos desenvolver nossa observação crítica, além de despertar a curiosidade pela pesquisa e desenvolver habilidades para um futuro profissional, já que envolve coleta de dados, registro, elaboração de relatórios e apresentação de resultados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como base os trabalhos de campo em que participei ao longo da minha graduação em Geografia. Durante o curso foram apresentadas diversas metodologias, no entanto, a escolha pelo trabalho de campo sempre foi a mais bem avaliada positivamente entre os estudantes. Em uma geografia mais humana, é possível obter diferentes pontos de vista a partir de uma característica básica de todo e qualquer pesquisador: a observação. A observação vai além de simplesmente captar informações e tomar notas, é a partir dela que surgem as dúvidas e as respostas, tornando-se uma importante ferramenta para a construção do conhecimento geográfico.

A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível entender e compreender como a pesquisa participante pode atuar dentro de uma Geografia mais humanista, que considera seus espaços e seus atores como peças fundamentais para a construção das relações e dinâmicas sociais. A pesquisa participante torna-se relevante à medida em que permite que o pesquisador se envolva diretamente com o sujeito, possibilitando uma visão mais íntima e profunda.

O trabalho de campo se mostrou como uma metodologia essencial para a prática do desenvolvimento na ciência geográfica. Tanto no campo físico quanto humano, o trabalho de campo é fundamental para a obtenção de dados e informações que complementam as teorias estudadas em sala de aula. Sem essa prática, o estudante de Geografia fica limitado às próprias reflexões, deixando de conhecer a realidade empírica do território.

Na Geografia, a aplicabilidade de procedimentos qualitativos traz à pesquisa um caráter mais íntimo, mas não menos científico. A experiência do trabalho de campo na graduação resultou em uma análise muito mais profunda, onde pudemos captar e reconhecer a essência de cada comunidade visitada a partir da nossa própria vivência.

A conclusão desse trabalho constata a importância da realização e da participação dos estudantes de Geografia em trabalhos de campo. Entretanto, também foi possível refletir sobre as dificuldades que muitas vezes limitam a construção do nosso conhecimento geográfico, mesmo que estejamos dispostos a enfrentá-las.

É durante o trabalho de campo que os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades importantes, como a observação crítica, a interpretação dos fenômenos geográficos, o registro sistemático de dados e informações, além de serem expostos a diferentes modos de vida, costumes e valores; contribuindo para o desenvolvimento de uma percepção mais objetiva e focada na solução de problemáticas sociais, ambientais, entre outras.

REFERÊNCIAS

- ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. de. **Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?**. Boletim Paulista de Geografia, [S.1], n. 84, p. 51-68, 2017. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/727>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. **Trabalho de campo e ensino de Geografia**. Geosul, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 181-195, 2022.
- CHIAPETTI, R. J. N. **Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humanista**. GeoTextos, [S. 1.], v. 6, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4834>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- CLAVAL, Paul. **O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo**. Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia, n. 17, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/confins.12414>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- COLTRINARI, L. **O trabalho de campo na geografia do século XXI**, Geosp, São Paulo, v. 4, p.103-108,1998.
- DE AZEVEDO, Sandra de Castro; DA SILVA FERNANDES, Roberto Mauro; DA CRUZ, Abigail Bruna. **Intervenção nas universidades: Cortes de verbas e imposições legais**. Caderno de Geografia, v. 31, n. 2, p. 148-148, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/27031/18657>> Acesso em: 13 mar. 2023.
- KAYSER, Bernard. **O geógrafo e a pesquisa de campo**. Boletim paulista de geografia, n. 84, p. 93-104, 2006. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/730/613>.> Acesso em: 13 mar. 2023.
- MAGNANI, J. G. C.. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. Rev. bras. Ci. Soc., 2002 17(49), p. 11–29, jun. 2002.
- MARCOS, V. de. **Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante**. Boletim Paulista de Geografia, [S. 1.], n. 84, p. 105–136, 2017. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/731>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- MÓNICO, Lisete et al. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa**. CIAIQ 2017, v. 3, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447/1404>>. Acesso em: 7 mar.2023.
- MORAES, A. C. R. **Geografia, Interdisciplinaridade e metodologia**. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. 1.], v. 18, n. 1, p. 09-39, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/81075>. > Acesso em: 10 mar. 2023.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos;48).

LACOSTE, Yves. **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos.** Boletim Paulista de Geografia, n. 84, p. 77-92, 2006. Disponível em: < <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/729/612>> Acesso em: 10 mar. 2023.

SERPA, Ângelo. **O trabalho de Campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica.** Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 84, p. 7-24, 2017. Disponível em: < <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/725>> Acesso em: 07 mar. 2023.

SANTOS, Milton, 1926-2001. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** /Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

_____ **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica** / Milton Santos. - 6. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. - (Coleção Milton Santos; 2)

SUERTEGARAY, D. M. A. (2009). **Pesquisa de Campo em Geografia.** GEOgraphia, 4(7), 64- 68. Disponível em: < <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13423>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

_____ **Geografia física e geomorfologia: uma releitura.** / Dirce Maria Antunes Suertegaray – Porto Alegre: Compasso Lugar•Cultura, 2018. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/224517/001129250.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 abril 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A - RESULTADO DO QUESTIONÁRIO



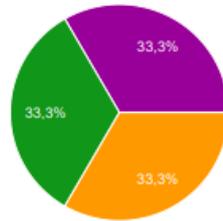
2023, 05:56

Importância da Pesquisa de Campo na formação do(a) Geógrafo(a)

Se sua resposta foi "Sim, poucas vezes" ou "Não", quais dos motivos foram responsáveis pela falta de contato com a pesquisa de campo:

 Copiar

3 respostas



- Falta de oferta nas disciplinas
- Falta de verbas por parte da Universidade
- Período remoto (Pandemia de Covid-19)
- Motivos pessoais (trabalho em tempo integral, filhos, etc)
- Sim, senti dificuldade em alguns momentos de assimilar a teoria à prática

Para você enquanto estudante de Geografia e/ou Geógrafo(a) formado (a), as pesquisas de campo foram relevantes para o seu desenvolvimento enquanto profissional?

 Copiar

13 respostas



- Sim, foram essenciais para a minha formação
- Não, consigo/consegui me desenvolver sem precisar das pesquisas de campo

Você, enquanto Geógrafo (a) em formação ou já formado (a), acha importante termos contato com a prática?

 Copiar

13 respostas



- Sim, a pesquisa de campo é essencial para a formação de um Geógrafo
- Não, a pesquisa de campo não influencia na formação

APÊNDICE B - RESPOSTAS DISSERTATIVAS DO QUESTIONÁRIO

2023, 05:56

Importância da Pesquisa de Campo na formação do(a) Geógrafo(a)

Com base nas perguntas anteriores, forneça uma pequena reflexão sobre a importância da pesquisa de campo no curso de Geografia

13 respostas

A pesquisa de campo possibilita aos Geógrafos em formação, desenvolverem aprofundamentos acerca do que é visto na teoria. Ter contato com os objetos e sujeitos de sua pesquisa e estudos, traz a tona um olhar mais apurado e completo para identificar e contextualizar os saberes em seu cotidiano.

Importante para termos contato com a prática

Minha formação inteira devo as pesquisas

Geografia é uma ciência ampla... É o sujeito e o objeto... É Homem e Natureza... O trabalho empírico é de grande relevância para o profissional da Geografia.

A pesquisa de campo é o "laboratório", o verdadeiro "escritório do/a geógrafo/a". O nosso trabalho é a partir e para conhecimento e resolução de problemas do espaço geográfico, fazer pesquisa de campo é, acima de tudo, aprofundar o conhecimento teórico de gabinete e sala de aula diante dos fenômenos e da materialidade existente no espaço somado ao poder do ganho de conhecimento prático que acontece ao se fazer pesquisa de campo. Para teoria e para a prática o campo se faz fundamental à formação dessa profissão.

a aula de campo é muito importante na formação da pessoa geógrafa pois nos ajuda a vivenciar e por em prática o que foi visto em sala de aula, além de também fixar mais o conteúdo aprendido

Geografia é uma ciência que estuda o todo, os aspectos de maneira indissociável, os estudantes de Geografia precisam de extrema importância o contato do pesquisador com a realidade pesquisada e ouvir as pessoas faz parte do geógrafa. Daí a importância da pesquisa de campo.

O trabalho de campo como método da pesquisa e ensino da geografia é fundamental para a práxis do geógrafo. É no trabalho de campo onde empiricamente, confrontamos nossas teorias geográficas com os fatos e fenômenos geográficos encontrados no locus de nossas pesquisas.

A pesquisa de campo é uma experiência de praticar os conhecimentos teóricos na realidade.

Os trabalhos de campo são fundamentais para a formação do/a geógrafo/a. A geografia é construída a partir da realidade vivida no espaço, e as aulas de campo servem para que os estudantes saiam do abstrato e vivenciem essas experiências, construindo suas próprias visões sobre o mundo. As pesquisas de campo foram essenciais para minha formação, porque foi a partir delas que compreendi e me apaixonei pela Geografia.

A pesquisa de campo é bastante relevante para a nossa formação, pois nos permite aprender na prática e ter um olhar diferente em cada vivência em vários aspectos.

docs.google.com/forms/d/12MskIdf0Xs5-Yv31XyDsYzGfPhU-3ZTtPUYhB09Aabl/viewanalytics

2023, 05:56

Importância da Pesquisa de Campo na formação do(a) Geógrafo(a)

Acredito que as aulas de campo são essenciais para a formação do Geógrafo, na medida que de certa forma nos preparam e dá experiência para em um futuro profissional conseguir desenvolver atividades em campo por conta de já tido esta experiência no decorrer do curso de graduação.

Não existe Geografia sem a teoria alinhada à prática. Independente da vertente da ciência geográfica, a pesquisa precisa vir acompanhada dos experimentos, da coleta, do vivido, o empirismo faz parte da Geografia e é o que a torna complexa e completa.

Além disso, as pesquisas de campo são o que tornam os assuntos abordados mais dinâmicos e didáticos, e é daí que surgem os novos pensamentos, as novas formas de pesquisa, de abordagem, e de observação.

Esse é o grande trunfo do Geógrafo, além de estudar as diferentes e complementares vertentes da Geografia - a física e humana - tem como construção do pensamento, a pesquisa empírica, fazendo com que tenhamos um olhar mais minucioso e crítico da sociedade e do mundo em que vivemos!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) · [Termos de Serviço](#) · [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



<https://docs.google.com/forms/d/12MskicfDXs5-Yv31XyDsYzGIPhU-3ZTpJfYtB09AabI/viewanalytics>

APÊNDICE C - MAPA TEMÁTICO DOS TRABALHOS DE CAMPO

(As estrelas representam todos os lugares em que pude visitar a partir dos trabalhos de campo)

